

to verdadero, porque no era posible someter a experimentación las hipótesis correspondientes a aquellas causas primeras. Las hipótesis que no podían ser sometidas a la experimentación, sólo formaban, a su juicio, una *ciencia aparente*; y estaba tan convencido de cuanto afirmaba, que al aceptar, o al admitir, algunas de estas hipótesis no posibles de demostración —como la de la *sustancia espiritual, sutil y veloz*, y la de la preferencia de los medios fáciles y sencillos por parte de la Naturaleza—, las emitía como opiniones personales y no como verdades que se podían demostrar. Hasta a propósito de la infinitud del Universo, tan cara a Bruno y Campanella, decía que no era posible demostrar si el Universo fuese *finito* o *infinito*". (Lourenço Marques, 1 de Maio de 1971.)

VII

Galileu pensava que a nossa inteligência não pode compreender a essência das coisas e sómente atinge a compreensão de seus fenómenos. Pensava que essa essência só poderia ser compreendida por Deus. Galileu fazia destacar que as causas primeiras e as essências das coisas não podiam ser objecto de ciência ou conhecimento verdadeiro, "porque não era possível submeter a experimentação as hipóteses correspondentes àquelas causas primeiras".

Galileu não tinha a crença ilimitada nes poderes ilimitados da Ciência. O sentido religioso da existência, o raciocínio sobre o próprio método científico, não lhe deram essa estúpida e irracional confiança que, nos nossos dias, paira como firme dogma num dos materialismos filosóficos mais fanáticos de todos os tempos e ganhou inúmeros prosélitos por sua força política. Galileu não aceitou os princípios filosóficos deste materialismo invasor, mas não convincente, (a força política viria depois, mas os princípios já existiam perfeitos em Heráclito, filósofo de Éfeso, que viveu de 535-475 antes de Jesus Cristo). Galileu acreditava em Deus, criador da matéria. Esse materialismo que nasce em Heráclito e se aperfeiçoa com Karl Marx (1818-1883) teria de repugnar a Galileu pois concebe a matéria sem criador, sendo seus fundamentos os seguintes: a matéria sem movimento é tão inconcebível como o movimento sem matéria; o movimento é eterno, increado e indestrutível, como a própria matéria; a fonte do movimento está na própria matéria; a natureza constitui um sistema, um conjunto coerente; a dialéctica é a ciência da conexão universal; o progresso não é um simples crescimento ou uma simples diminuição do que existe, é, sim, uma alteração qualitativa, um salto súbito, revolucio-

nário; a fonte de todo o movimento é a contradicção interna do objecto ou de processo; as forças ou factos contrários estão em luta e unem-se, dando lugar a outros novos; a luta entre o velho e o novo, entre o que morre e o que nasce, entre o que se extingue e o que cresce, é a lei do progresso.

Galileu é um platónico, não um heraclitiano. No seu livro "Il Saggiatore" faz Galileu a distinção entre o subjectivo e o objectivo do mundo, em termos bem platónicos, isto é, o mundo "não é o que aparenta ser, pois os sentidos não são confiáveis". E não há filósofo mais divino, mais próximo a Deus, do que Platão. O pensamento não é uma compreensão, mas uma salvação. Platão é o Jesus Cristo dos gregos, a harmonia entre religião e filosofia, a necessidade de salvação e a curiosidade cosmológica.

Galileu harmoniza em si o que só hoje, nos nossos dias, em larga escala, surge como separado e até antípoda: religião e ciência. Galileu não caiu na barbaridade de esperar tudo da ciência. Para Galileu a ciência jamais substituiu a religião ou o sentimento de Deus, melhor, ficava sempre aquém de Deus, embora, como sonda para compreender o mundo, dele se aproximasse. Em suma, a ciência ronda a totalidade mas não a conquista.

Rodolfo Mondolfo escreve que Galileu considerava a natureza como um livro que nem todos sabem ler por estar escrito em caracteres diferentes dos de nosso alfabeto: "e são os caracteres de semelhante livro triângulos, quadrados, círculos, esferas, cones, pirâmides e outras figuras matemáticas, muito próprias para tal leitura" (expressão do punho de Galileu). Rodolfo Mondolfo refere ainda que Galileu se declarava também de acordo com Platão em "admirar o intelecto humano e a considerá-lo partícipe de divindade pelo facto de entender a natureza dos números". Escreve Mondolfo: "a necessidade racional era para Galileu o carácter distintivo do conhecimento objectivo e o fundamento sólido da sua certeza: uma certeza que na matemática pode, para Galileu, igualar-se à do conhecimento divino. Se o entendimento humano sob o aspecto *extensivo* resulta quasi nada em comparação com o divino, em compensação ao considerá-lo sob o aspecto *intensivo* (disse Galileu) o intelecto humano compreende algumas proposições tão perfeitamente e tem tão absoluta certeza, quanto pode ter a própria natureza; e isso ocorre nas ciências matemáticas puras das que o intelecto divino sabe, não obstante, infinitas proposições a mais, pois as sabe todas; mas das poucas entendidas pelo intelecto humano, creio que o seu conhecimento se iguala à certeza objectiva divina, porque chega a compreender a necessidade, sobre a qual não parece poder existir segurança maior".

Isto é, a ciência pode abeirar-se de Deus por compreender algumas das

proposições, mas não pode explorá-las todas. As “infinitas proposições a mais”, guarda-as Deus na sua mão e são o mistério da existência e do Universo. Deus sabe tudo, o homem sabe alguma coisa. Onde sabe, meteu a foice a Ciência. Onde não sabe, é seara do fértil sentimento religioso. Tudo, no fundo, seara de Deus, o bom Deus que deixa o homem livre e amanho seus campos como pode, até com a humilde enxada da ciência.

Mas os materialistas sorriem. . . A ciência (que escrevem sempre com maiúsculas), a CIENCIA, qual humilde enxada! A ciência liquidou Deus e a religião numa vez para sempre! A ciência, se é enxada, teve uma utilidade: abriu uma cova e meteu lá dentro, bem mortos para sempre, a Deus e às religiões!

Isto não são fantasias de quem está fazendo este modesto estudo em torno da trepidante “era de Galileu”. Maurice Wacquez é um chileno nascido em 1939, actualmente mestre de filosofia na Universidade de la Habana. Publicou um extenso trabalho —“Cultura como seguridad”— no nº 3, 1970, da revista cubana “Unión”. Pois este chileno, com sangue francês, adorador do materialismo cubano, escreveu esta apoteose dos funerais da religião e que não coincidem com os de Nietzsche (1844-1900) mas . . . com a Renascença, isto é, a própria origem da “era de Galileu”. Um chileno que reflecte o pensamento oficial e dogmático do materialismo mais aplaudido no mundo. Vejamos estes primores saídos da pena de Maurice Wacquez (ou saídos da pena abstracta do pensamento materialista, que serve). Eis a síntese descrita por Wacquez: “Não é fácil estabelecer os limites dos processos culturais. Estamos de acôrdo em que o Renascimento é o restabelecimento da cultura científica. Mas a religião continuou a impor a sua força, atemorizando inclusivamente os homens que propiciaram a sua queda (Descartes). Ora este facto nos levaria a pensar que afinal a cultura religiosa pode existir lado a lado com a cultura científica. Mas um tal pensamento deitaria por terra o esqueleto de toda a nossa argumentação. É que não ha que confundir a cultura religiosa com o poder político-social duma religião. O Renascimento, como renascer do impulso científico, como cataclismo social e moral, pôs a descoberto uma classe social que até esse momento estivera subjugada por outra classe que extraía os ingredientes da sua segurança do poder divino. Esta nova classe, ao adoptar aparentemente os princípios cristãos, não fez mais do que apropriar-se do poder social e político que esses princípios lhe outorgavam. Não adoptou os princípios, mas apenas o poder. Isto é, a burguesia, ao irromper à cabeça da sociedade, aproveitou a cultura cristã porque esta era útil para seus fins. Mas quando o proletariado se levantou como classe frente à burguesia, logo deu conta da manobra burguesa: manter com vida uma “fé

inerte” à força de respiração artificial. Daí que se confunda a violência anticlerical com a violência antireligiosa. Na verdade a religião morreu como cultura aí pelos começos do século XVI e se hoje escutamos frases nas quais se propicia o assassinato de Deus, isto não quer dizer que Deus esteja vivo, apenas simplesmente que há que assassinar esses homens que se serviram de Deus como de um instrumento de extorsão e dominio. Esclarecemos que esta nova posição do homem, mais do que uma crise cultural no sentido que indicamos, é uma crise social, moral e filosófica. O marxismo é um movimento que busca desenvolver a ciência para a despojar de todo o elemento mítico. É um simples movimento em busca do nítido e verificável”.

Assim se pensa em La Habana, Moscovo, Pequim, e também em Sófia, capital da Bulgária, onde se filmou um filme tão “científico” como “Galileu”. Um filme que serve apenas de instrumento à materialista opinião de que a ciência liquidou para sempre a Religião e a Deus. A doutrina que inspirou tal filme é a que expende o referido franco-chileno, mestre de “filosofia” em La Habana. Galileu, apenas o melhor pretexto. Não somos tão ingénuos como para “acreditar” que um filme é apenas um filme, algo para se ver e logo esquecer.

Ouve-se a torto e a direito que é preciso defender a “cultura ocidental”. São muitos os que se referem à valiosa “cultura ocidental” e não sabem o que ela é. Pois a cultura ocidental é o que é e diferencia-se dos vários materialismos (essencialmente, do marxismo-leninismo e maoísmo e castrismo) porque é a excepcional unidade de religião e ciência, Deus e conhecimento, sobrenatural e domínio do natural. A cultura e a civilização ocidental é “ocidental” apenas por este jôgo e convívio de valores. Harmoniza, na ordem do vital, razão e fé. O que não é civilização ocidental, são precisamente esses povos e culturas que estão “num movimento que busca desenvolver a ciência para a despojar de todo o elemento mítico”, com sua irracional crença no poder ilimitado da razão. . .

Nietzsche, nos fins do século XIX, gritou (gritar, a palavra que mais lhe convêm, pois era todo um histérico e epiléctico), gritou, gritou que “Deus morrerá”. Mas o marxismo faz recuar a data de óbito de Deus. A certidão não é passada numa conservatória do século XIX, mas numa do século XVI, na Renascença, no século de Galileu. Deus morre quando Galileu nasce. A ciência é bem uma enxada. Ela abriu um coval para Deus. Enterrou-o para todo o sempre. E com este epitáfio: “Não há que confundir cultura religiosa com poder político-social duma religião”. Para o materialismo de cunho

marxista, para tantos materialismos, Deus esta morto e a religião, ainda de pé, apenas de pé per ter um “pulmão de aço”!

VIII

Galileu foi um cientista e foi um homem religioso e crente em Deus. O materialismo poderá aproveitar-se da ciência, mas nunca de Galileu. Mas também não aproveita ao materialismo o “julgamento” de Galileu.

Ortega y Gasset, para dizer a verdade, acentua a sua origem em “menu-das intrigas de grupos particulares”, ficando a questão dogmática muito em segundo plano. Eis o que dói ao materialismo búlgaro do filme sobre “Galileu”. . . À força, querem fazer da Igreja a mediocridade com pavor à ciência, às ideias renovadoras do pensamento, etc. Galileu, a ciência. A Igreja, a sua repressão. Em 1610, Galileu, com o seu modesto telescópio, distingue quarenta estrelas nas Pleiades, oitenta em Orion e outras noutras constelações. Descobre na Via Láctea uma infinidade de estrelas. A sete de Janeiro de ano seguinte, descobre as montanhas da Lua e logo depois os tres satélites de Júpiter, mais um quarto. . . Estas experiências empolgam-no e, em março do mesmo ano, publica o “Sidereus Nuncius” (em 550 exemplares). Este 1610 é o ano cosmológico de Galileu. Já depois de publicar “Sidereus Nuncius”, descobre que Saturno é “tricórpore”, antecipando-se ao descobrimento de anel, feito por Hayens em 1659; e estuda Venus e descobre as suas fases, confirmando a sua rotação à volta do sol.

A aparição do “Nuncius Sidereus” (“o mensageiro das estrelas”), onde Galileu descreve os seus descobrimentos dos satélites de Júpiter, revela já a crescente convicção do autor na validade do sistema copernicano. O livro causa polémica entre professores universitários e clérigos.

O “escândalo” suscitado por esta polémica, levou o Cardeal Belarmino a solicitar dos matemáticos jesuítas do Colégio Romano, portanto, da mais genuína fonte oficial vaticanista, a confirmação ou a desautorização das afirmações galileanas. Pois os padres jesuitas Clavio, Grienberger, Van Maelcote e Lembo, emitindo o juízo do Colégio Romano, pronunciam-se em 24 de abril de 1611. As descobertas de Galileu e suas ideias copernicanas foram reprovadas pela Igreja? Nada disso. Esses homens da Igreja, em sua representação, por documento de 24 de abril de 1611, declaram as ideias de Galileu exactas, exactíssimas, menos uma: a da rugosidade da Lua.

Galileu triunfa plenamente. Triunfa na ciência, entre os colegas. Triunfa na Igreja, pelo veridicto do Colégio Romano. E em abril de 1611 a sua vitória é compensada pelo seu ingresso na Academia dos “Lincci”.

Mas os adversários não dormem. Nem os de Galileu (seus colegas de universidade), nem os dos padres jesuitas (os dominicanos).

O grã-Duque de Toscana, Cosme II, tinha o hábito de reunir à sua mesa destacadas cabeças. Gostava de distrair seu espírito com as sábias discussões des seus convidados. Em setembro de 1611, numa dessas reuniões, estando presente o Cardial Maffeo Barberini (logo Papa Urbano VIII), Galileu teve forte polémica com Ludovico delle Colombe a propósito da causa pela qual certos corpos fluctuam na superfície da água e outros não. Uma discussão que valen para Galileu o ódio persistente de Ludovico delle Colombe e de sua perseguição.

Em 22 de março de 1613 Galileu publica “Istoria e dimostrazioni intorno alle macchie solari e loro accidenti” (“história e demonstração em torno das manchas solares e seus acidentes”), obra inteira e francamente copernicana e que lhe valeu uma tremenda disputa com. . . o padre jesuita Scheiner, porque ambos queriam ter a prioridade do descobrimento. Galileu, no ardor da sua reivindicação, chega a escrever una carta ao cardial Berberini, futuro papa Urbano VIII. Nela reivindica o descobrimento das manchas solares.

Como o incidente de Ludovico delle Colombe, com o despeito do padre Scheiner, já não se estranha que a “guerra” a Galileu tenha o seu começo público no dia 21 de dezembro de 1614, quando o dominicano padre Tomás Caceini, na igreja de Santa Maria Nova de Florença, ataca a Galileu por “copernicano” e a matemática por “ciência ímpia”. A história regista que a este “começo” de guerra não foi alheio o despeito do padre Scheiner (que viu esfumar-se o fruto do seu labor a ser submetido á opinião do Provincial da Ordem, Teodoro Busoeus).

Dois meses depois o padre dominicano Nicolás Lorini denuncia Galileu á Inquisição por ser a teoria copernicana contrária às Sagradas Escrituras. Faz a denúncia, ignorando por completo o alcance dos acontecimentos de março de 1611 (quando Galileu viaja a Roma para tratar de convencer os cardeais sobre os seus descobrimentos celestes e os matemáticos de Colégio Romano aprovaram as suas afirmações, com a única objecção acêrca da superfie da lua) ou fingindo desconhecê-lo. E a Inquisição, também ignorando ou fingindo ignorar, inicia o estudo da denúncia. Entretanto, ainda em 1615, o carmelita padre António Foscarini defende o sistema copernicano desde o ponto de vista teológico, portanto, com uma argumentação bem mais “difícil” do que a utilizada por Galileu (apenas a científica).